

UFPR

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

O ENCONTRO ENTRE DOIS MUNDOS HÁ 500 ANOS

ROSELI TERESINHA VENDRUSCOLO

M
CIVIL
VUE
10

PATO BRANCO

1998

UFPR

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

O ENCONTRO ENTRE DOIS MUNDOS HÁ 500 ANOS

Projeto de Ensino apresentado pela aluna Roseli Teresinha Vendruscolo, como requisito para a conclusão do Curso de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos, sob orientação da prof^a Serlei Maria Fischer Ranzi.

93

PATO BRANCO

1998

SUMÁRIO

Introdução.	.06
Revisão Bibliográfica. .	.09
Aula nº 1: As Grandes Navegações. .	.16
Transparência nº 1.	.18
Transparência nº 2.	.19
Transparência nº 3.	.20
Texto: As Grandes Navegações.	.21
Conteúdo da Exposição Oral: As grandes Navegações. .	.23
Aulas nº 2 e 3: 1492 - A Conquista do Paraíso.	.27
Aula nº 4: O “Descobrimento” do Brasil.	.30
Transparência nº 4.	.32
Texto: A Terra Chamada Brasil.	.33
Conteúdo da Exposição Oral: O “Descobrimento” do Brasil.	.34
Aula nº 5: O Verdadeiro Cabral.	.38
Texto: O Verdadeiro Cabral.	.39
Aula nº 6: A Carta de Pero Vaz de Caminha.	.44
Trechos da carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel. .	.46
Aula nº 7: A presença da Igreja.	.48
Transparência nº 5.	.50
Texto: A Conquista.	.51
Conteúdo da Exposição Oral : A presença da Igreja.	.55

Aula nº 8: O Escambo.	.57
Transparência nº 7.	.58
Transparência nº 8.	.59
Conteúdo da Exposição Oral: O Escambo.	.60
Aula nº 9: Gente da terra.	.63
Texto 1: Cada nação tem seu jeito de governar. .	.65
Texto 2: O índio trabalha diferente do branco.	.66
Texto 3: O nosso jeito de ensinar é assim.	.67
Texto 4: Os índios não compreendem o mercantilismo. .	.68
Aula nº 10: O Brasil hoje.	.70
Bibliografia.	.71

APRESENTAÇÃO

Este documento tem a finalidade de apresentar um projeto de ensino (com o nº de 10 aulas) tratando sobre o “descobrimento” do Brasil, bem como de todo o contexto que envolve esse fato (as grandes navegações e a descoberta da América) e os primeiros contato colonizadores com a terra e sua gente.

Foi organizado a partir do currículo básico utilizado no CES (Centro de Estudos Supletivos) e se destina aos alunos jovens e adultos dessa instituição que cursam de 5ª a 8ª Séries.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Título: O “descobrimento” do Brasil - 500 anos

Instituição: UFPR

Dados do Curso: Curso de Especialização para Educadora de Jovens e Adultos

Disciplina: História

Público destinatário: Alunos jovens e adultos que freqüentam o CES (Centro de Estudos Supletivos)

INTRODUÇÃO

O conhecimento sobre nosso passado nos capacita a compreender o presente e fornecer instrumentos para darmos respostas aos desafios que ele nos impõe.

Tendo em vista que os meios de comunicação já iniciaram “chamadas” e propagandas sobre a comemoração dos 500 anos do “descobrimento” do Brasil que acontecerá no ano 2000, acreditamos que faz-se necessário uma reflexão e tomada de consciência sobre o tema. É preciso lançar um novo olhar sobre esse acontecimento histórico.

Sendo que, no CES, a clientela é, segundo FREIRE (1975) vista como marginalizada, “seres fora de” ou à margem de”, a solução estaria em que fossem “integrados, incorporados”, para que pudessem assumir a condição de “seres dentro de” transformando essa estrutura em que se encontram e por vezes os oprime, buscamos com o desenvolvimento desse tema a tomada de consciência uma discussão e análise sobre a data que se comemora (500 anos da “descoberta” do Brasil) e a realidade contextual de sua época, a Europa no século XV, para assim contribuir com o conhecimento, compreensão e domínio da realidade histórica atual.

O ensino supletivo busca o retorno ou a condução do cidadão trabalhador que por algum motivo não completou seus estudos em tempo hábil ao saber formal, à conclusão de seus estudos, para que possua melhores condições de exercer plenamente sua cidadania. A disciplina de História deve utilizar esse espaço e essa clientela para permitir uma melhor compreensão do passado possibilitando o “domínio” sobre a sociedade e realidade presentes.

Buscaremos com o embasamento teórico e com o uso de documentos a realização de aulas que proporcionem conhecimento, reflexão, discussão e conscientização sobre fatos e

atos dessa epopéia ocorrida há 500 anos e quiçá, comparando com o Brasil hoje, buscar perspectivas de mudanças futuras...

Entendemos ser importante estabelecer uma relação passado/presente, mas alertamos para o fato de que nem sempre é possível a existência de uma ligação desta época, pois é preciso respeitar a história do objeto em questão e à medida que ele é inserido numa contextualização histórica.

Esse projeto de ensino sobre o “descobrimento” do Brasil, ocorrido há, praticamente 500 anos, traz como conteúdos básicos o período em que ocorre o início dos Tempos Modernos e seus grandes acontecimentos como: a chegada dos europeus na América.

Será abordado o contexto europeu no período das grandes navegações, o renascimento comercial e a formação dos Estados Nacionais.

A trajetória da descoberta da América e a expedição de Cabral revelam a avidez dos europeus na busca do comércio do ouro e do poder territorial e estimula a compreensão do conhecimento histórico.

Completa-se 500 anos dessa maratona e desse “encontro” entre dois mundos. Os brasileiros (jovens e adultos trabalhadores, alunos do CES) conhecem como ocorreu esse fato? Como foi o início da colonização no Brasil? Quem eram os habitantes desse país há 500 anos? Qual a primeira atividade econômica realizada nessa terra?

É com a realização desse projeto, através de aulas que estimulem a reflexão crítica e a participação do aluno que buscaremos um aprofundamento maior nessas questões e a compreensão desses fatos históricos que marcam o começo do país em que vivemos.

O resultado maior que se espera na realização desse projeto de ensino é atingir o conhecimento, conscientização e espírito-crítico nas análises e discussão sobre o período histórico em o Brasil “descoberto” e inserido na colonização portuguesa.

Os grandes descobrimentos marítimos e suas conseqüências transformaram a vida de todo os europeus e de todos os povos que eles encontraram. É necessário a tomada de consciência dessa realidade e compreender que de certa maneira o mundo em que vivemos hoje é fruto dessas viagens.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Estudando o contexto do período das grandes navegações, analisamos - tendo como base o livro didático História do Povo Brasileiro - Brasil Colônia - que esse tema é tratado de maneira superficial e demasiadamente resumido.

As grandes navegações são colocadas como conseqüências de fatores isolados como a tomada de Constantinopla pelos turcos, invenção da pólvora, do papel imprensa e da bússola e caravela. Teriam sido esses os fatores das grandes navegações?

Há, como se vê, nesse tema, deficiência de aprofundamentos

Sem a compreensão nítida do quadro europeu no século XV, não é possível situar o largo movimento de expansão ultramarina, de que resultam as descobertas e, depois, a colonização.

A fase é de transição, caracterizada pelo início da Idade Moderna. Revolução Comercial, alastrando os seus efeitos, derroca as instituições feudais, em várias áreas; em outras, lutando contra elas, apresenta um quadro novo, que substitui o quadro medieval. Na Idade Média, a economia se fechara e se estiolava. Em seu último período, os árabes dominavam o Mediterrâneo, em cujas águas os cristãos, isto é, os europeus, não tinham condições, no dizer de Kaldun, para “fazer flutuar uma tábua”. (...) Nesta sociedade hermética e hierárquica, em que as cidades eram meras sedes episcopais, a Igreja tinha função eminente: monopolizava o saber, de que só os seus elementos se utilizavam, fornecia o pessoal administrativo, os notários, os chanceleres, os conselheiros. (...) Os mercadores, que lutam por vencer as resistências antigas e conquistam posição de destaque. (...) Nas cidades surgiam também as oficinas que assinalavam a divisão do trabalho. (...) Tais transformações não poderiam deixar de repercutir nos conceitos, nas idéias, nas técnicas do tempo, inclusive, e principalmente, no problema do poder. Opera-se nessa fase, a unificação real, isto é, aparece a monarquia em sua plenitude. (...) Surgem as condições em que não só se processa um progressivo deslocamento das técnicas, do pessoal e dos meios da península italiana para a península ibérica como para o início a fase colônia das navegações, de que resultará a descoberta de um novo mundo. (SODRÉ, 1988, p. 29-31)

Ao concluir os conteúdos sobre as grandes navegações não há, no livro didático

analisado, um questionamento ou reflexão que levem o aluno a pensar nas consequências desse fato para os povos que habitavam esse mundo.

As grandes navegações são colocadas como algo fantástico e de grande valor para os europeus mas e os habitantes dessas terras?

A obra de Colombo descobrindo a América: foi um grande feito!

Cabral tomando posse do Brasil: enfim os portugueses conseguem terras no Ocidente!

Mas, o que mais envolveu as grandes navegações? No livro didático há a ausência de conteúdos que conduzem a um pensar crítico, não só no que se refere aos indígenas mas também ao homem europeu que ousou embarcar nessas viagens e conquistar um novo mundo.

Os grandes descobrimentos marítimos, frutos de uma série de profundas transformações em toda a Europa, geraram, por sua vez, mudanças radicais na própria Europa e em todo o mundo descoberto. A fim de garantir as conquistas e delas tirar melhor proveito, os europeus tiveram que enfrentar as diferenças entre eles e os povos encontrados. Essa convivência constituiu uma das experiências mais fascinantes e mais dolorosas de todos os tempos. Os mundo que os europeus haviam descoberto, mas que não compreendiam, e que despertava inquietações e perguntas para as quais precisavam encontrar respostas. Para grande parte dos europeus, essa experiência significou, de diferentes maneiras, dominar, saquear, destruir, escravizar, violentar, corromper, explorar e matar milhares de pessoas e de civilizações em todo o mundo descoberto; significou enriquecer graças ao empobrecimento e à humilhação dos outros. Para os povos significaram uma total mudança em seus destinos. Foi preciso entregar todas as riquezas e todas as belezas, mesmo as mais secretas, como o ouro escondido nas rochas do interior e as orações oferecidas aos ídolos. Para garantir a sobrevivência, muitos povos tiveram que reorganizar suas maneiras de viver, suas explicações de mundo, valores e comportamento. Os grandes descobrimentos marítimos e suas consequências transformaram a vida de todos os europeus e de todos os povos que eles encontravam. (AMADO, 1989)

Quando vamos estudar o descobrimento da América encontramos esse conteúdo de maneira tal que não há uma aula específica para esse fim.

A descoberta da América encontra-se na aula sobre as grandes navegações e sem um embasamento maior. Enfatiza-se o plano de Cristovão Colombo para chegar às Índias, com

uma pincelada rápida em suas viagens e o nome América em consequência de sabedoria de Florentino Américo em “ver” que essas terras eram um novo continente.

A questão dos indígenas mais desenvolvidos que o próprio europeu - que aqui viviam, só será estudada em outra série (7ª série). Conclui-se, então, que não há uma análise maior do tema no momento em que se estuda o descobrimento da América. Esse assunto fica fragmentado.

Outro aspecto que observamos é que não se descreve nada sobre a Espanha. Que país é esse que realizou a grande proeza de descobrir e conquistar a América? Como viviam na Espanha nesse período?

A Espanha formou-se artificialmente, isto é, de cima para baixo, com os reinos católicos impondo sua hegemonia sobre os outros reinos feudais; mas o casamento de Fernando e Isabel não criou uma nação, pois cada reino, separadamente, havia anexado regiões com leis, línguas, usos e costumes diferentes.

A conquista e a colonização da América foi um empreendimento mercantil realizado na Idade Moderna mas por uma “nação” ainda medieval. A burguesia espanhola havia sido liquidada por Carlos V, na Guerra dos Camuneros, feita pelos comerciantes, artesões e camadas populares contra a nobreza; artesões muçulmanos e judeus haviam sido expulsos da Espanha, por motivos religiosos: capitais foram perdidos, também por motivos religiosos, quando a atual Holanda, na época uma importante região comercial, após uma guerra de libertação separou-se da Espanha.

O trabalho Manual era menosprezado, e a Espanha aristocrática não aplicava seus capitais na manufatura, vista como trabalho menos nobre. (...) O grupo mercantil utilizava seu capital de forma improdutiva, comprando títulos de nobreza, cargos públicos e fazendo empréstimos à coroa. Por tudo isso, mesmo com todo o ouro e a prata obtidos nas colônias, a Espanha tornou-se uma potência de terceira categoria. Os minérios eram utilizados na compra de produtos manufaturados provenientes da Holanda, França e Inglaterra. A situação espanhola, nos séculos XVI e XVII, pode ser resumida no seguinte ditado: “A Espanha tem a vaca, mas os outros bebem o leite”. (CACÉRES, 1992, p. 6)

A América, em geral, torna-se para o mundo europeu uma fonte de recursos, produtos e comércio que colabora para sua economia e desenvolvimento no início dos tempos modernos.

Embora, de maneira superficial, essa relação também é representada no livro didático,

pois faz parte das interpretações do papel do Brasil para a economia portuguesa.

O pacto colonial que é explicado na relação colônia - metrópole já induz à reflexão do papel exercido pela América no período.

A América foi a região que se tornou o objeto da verdadeira colonização, na Idade Moderna. O aproveitamento sistemático dos recursos americanos, em benefício das metrópoles permitiu a fixação de populações europeias na região, o que contribuiu para a fixação dos modelos sociais, culturais e religiosos europeus no Novo Mundo. Mas, se os europeus introduziram seus valores na América, também foram obrigados a adaptar-se às condições que encontraram e a alguns padrões culturais das civilizações indígenas existentes.

A busca de colônias era um dos principais objetivos dos países mercantilistas europeus, pois elas constituíam um excelente mercado consumidor de manufaturados e produtos de produtos agrícolas tropicais e matérias-primas.

As colônias eram vistas como instrumentos do poder das metrópoles. (...)

Toda a administração colonial tinha como centro a metrópole, sendo a finalidade básica da colônia garantir a produção, a preços baixos, dos artigos não produzidos pela metrópole e servir como mercado consumidor dos manufaturados metropolitanos a preços mais altos. (...) Assim, no Brasil-Colônia foi introduzida a escravidão, a fim de se obter uma produção agrícola em larga escala, necessária à economia europeia. As colônias de áreas tropicais, que produziam para o mercado externo, eram chamadas de colônias de exploração e tinham sua economia baseada na grande propriedade, na monocultura e no trabalho compulsório, isto é, obrigatório.

O Estado absolutista não tinha interesse em colonizar a América temperada, que não produzia ouro e cujos produtos agrícolas eram os mesmos da metrópole. Foi colonizada perseguidos religiosos e outros indesejáveis na Europa, que criaram as colônias de povoamento, com base na pequena propriedade agrícola e manufatureira, no trabalho livre, na policultura e na produção voltada para o mercado interno. Seus colonos viviam a serviço do seu próprio desenvolvimento e do desenvolvimento de sua terra. (CACÉRES, 1992, p. 9-10)

No que diz respeito, exclusivamente, ao “descobrimento” do Brasil, o livro didático analisado enfoca a cronologia da viagem de Cabral e levanta itens sobre as controvérsias do “descobrimento” o que torna positivo o estudo desse tema.

A chegada triunfal de Cabral não fica sendo vista somente como algo fantástico e mágico. Entretanto as análises são superficiais e extremamente resumidas, num espaço de pouco destaque.

TERRA À VISTA!

Esse é o enunciado inaugural do Brasil. Repetido ritualisticamente a cada vez que navios encontram onde aportar, não se trata de uma fala original. É chapa cristalizada,

estereotipada. Comentário de aventureiro. Fala de piratas.

Se nos aproximamos mais desse enunciado, ele pode indicar, de um lado (daquele dos que ancoram), a chegada (porto seguro) e, de outro (o dos que aqui estão), entrada (invasão).

Promessa ou ameaça? Visitantes ou invasores? Terra a servir de berço esplêndido? A ser pilhada? De quem, essa terra?

À vista.

“Ver” tem um sentido bem específico nesse contexto: o que é visto ganha estatuto de existência. Ver, tornar visível, é forma de apropriação. (...)

Podemos assim concluir que “Terra à vista” - a primeira fala sobre o Brasil - expressa o olhar inaugural que atesta nas letras a nossa origem. Pero Vaz de Caminha dará o próximo passo lavrando nossa certidão, com sua Carta. Ao mesmo tempo, para os europeus, essa exclamação diz o início de um processo de apropriação. Descoberta significa, então, conquista. (ORLANDI, 1990, p. 13-14)

Há a falta de dados como: quem mais estava com Cabral? O que fizeram aqui nos primeiros dias?

Normalmente é por não ser aprofundado ou levantado alguns aspectos dos fatos históricos que a disciplina de História se torna “chata e desinteressante” para o aluno.

Cabral veio sozinho ao Brasil? E então, chegaram em 22 de abril de 1500 e o que fizeram? Nesse livro didático analisamos e outros consultados, por exemplo, a primeira missa é somente uma gravura colocada para ilustrar o conteúdo do “descobrimento”.

O poder e presença da Igreja passam em branco nesse momento histórico estudado.

A formação da maior e melhor equipada frota que jamais zarpara de portos ibéricos: a armada do Almirante Pedro Álvares Cabral, alcaide-mor de Azurara e Senhor de Belmonte composta por treze naus e cerca de mil e duzentos homens. Entre os chefes da expedição havia marujos de grandes conhecimentos marítimos e experiência náutica, como é o caso de Nicolau Coelho (um dos capitães da frota de Vasco da Gama) Bartolomeu Dias e Duarte Pacheco Pereira. Partiram os navios no dia nove de março de 1500 da praia do Restelo.

Afastando-se do litoral africano avistaram, no dia vinte e um de abril, inequívocos sinais de proximidade de terra - como salienta Pero Vaz de Caminha em sua carta de “achamento” do Brasil.

Na manhã seguinte avistou-se um monte, ao qual chamaram Pascoal (era a semana da Páscoa). Estava descoberta a Terra de Vera Cruz (depois, Santa Cruz, hoje Brasil). (...) “No dia 23, quinta-feira, navegaram para terra e foram ancorar em frente da boca de um rio, onde os cristãos travaram as primeiras relações com os indígenas. No dia subsequente, a 24, sexta-feira, rumaram para o norte. A primeira missa em território brasileiro foi realizada em 26 de abril, domingo Pascoela, por Frei Henrique de Coimbra (depois bispo de Ceuta), após a armada ter penetrado por inteiro no porto. Em 1 de maio foi erguida uma cruz com as armas e a divisa da casa real portuguesa,

significando a tomada de posse dos novos territórios em seu nome. No dia seguinte, a frota de Cabral seguiu viagem rumo às Índias, enquanto Gaspar de Lemos voltava à Europa, levando consigo a carta de Pero Vaz de Caminha, deixando aqui dois degredados e, segundo alguns autores, dois aprendizes de marinho que haviam abandonado a expedição. (MARANHÃO, 1991, p. 56-57)

Em relação ao indígena encontra-se muitos subsídios e há, o que é deficiente em outros conteúdos, uma riqueza de detalhes. A vida do indígena é demonstrada com suas mais variadas características. Seu cotidiano é descrito com grande espaço e ênfase.

De maneira mais simples e clara a questão do índio está de acordo com os livros acadêmicos.

Há nesse conteúdo intensificação como índio, sua situação atual e abandono.

O índio serviu aos europeus no início da colonização, nas feitorias e escambo o braço que trabalhava era do índio.

Embora não há peculiaridades quanto ao trabalho indígena no escambo na extração do pau-Brasil - os textos expõe a subordinação do índio ao trabalho forçado e sua cultura que não o deixa suportar a estrutura de produção que se estabelecia.

A fase inicial da História brasileira é uma fase obscura, em torno da qual os fatos conhecidos não são muitos e permanecem bastante controversos demandando investigações, pesquisas, consultas a arquivos ainda não conveniente ou totalmente explorados. Chegam-lhe, entretanto, navios e frotas. Não apenas navios portugueses, e frotas portuguesas, - mas navios e frotas de outras bandeiras, de particulares e de coroas. Parece que isso não perturbou a metrópole, que empregava estrangeiros em seu serviço e contratava com estrangeiros a exploração de determinadas riquezas locais. (...)

O índio apresentou-se com mão-de-obra ao pé da obra, com imensas e insubstituíveis vantagens portanto. Ai, como era inevitável, a luta abriu-se e assumiu as proporções de destruição sistemática. (...)

A atividade predominante foi a que se prendeu ao pau-brasil, que fornecia matéria-prima de consumo relativamente largo na manufatura da tecelagem, já bastante desenvolvida na Europa. A feitoria era constituída por grupo, quase sempre numericamente diminuto, de homens, deixados num ancoradouro ou aguada propícia, e encarregados da derrubada e transporte da madeira para a praia. O trabalho era fornecido pelos indígenas e retribuído em objetos que os seduziam. (...)

Sua inadaptação ao trabalho escravo vai motivar a virada nas idéias a seu respeito. As que se generalizam, agora dizem de sua preguiça, de sua tendência para o furto, de

sua amoralidade - em suma de tudo aquilo que era o conjunto de sua cultura e fora do que qualquer interpretação ou julgamento estaria profundamente viscerado de falsidade. Esta incompreensão é que vigorou, ao longo do tempo, chegando aos nossos dias quando, sob outras condições prossegue, inexoravelmente, a destruição dos derradeiros *stocks* indígenas existentes. A aproximação do branco é o primeiro ato da destruição do indígena. (SODRÉ, 1988, p. 51-53)

Enfim, a praticamente 500 anos, o homem europeu vindo de longo período de guerras, miséria, confinamento achou-se de repente, possuidor de novos mundos habitados por gente simples, desprevenida, ignorante da própria fortuna. Nada, nesses lugares e entre esses povos, pareceu sagrado para o europeu.

Pedro Álvares Cabral encontrou no Brasil uma população bem ao gosto do conquistador europeu: desarmada, inocente, pagã. O português desembarcou, tomando posse da terra e de mais ou menos 2 milhões de índios.

Hoje, 500 anos depois, os mais de 150 milhões de brasileiros parecem possuir as mesmas características que os 2 milhões de índios. Somos desarmados, inocentes e pacíficos diante da exploração e violência do capitalismo selvagem e globalizado.

500 anos...

AULA Nº 1

AS GRANDES NAVEGAÇÕES

O que foram as grandes navegações?

Em que contexto e quando elas ocorrem? O que muda no mundo da época?

Que conseqüências trouxeram para os povos das novas terras?

Para compreender o “descobrimento” do Brasil pelos portugueses faz-se necessária o estudo das grandes navegações ocorridas na passagem dos tempos medievais para os tempos modernos.

Objetivos da aula:

- Identificar os objetivos econômicos, políticos e religiosos das grandes navegações.
- Conhecer as etapas das primeiras navegações marítimas.
- Estabelecer as relações entre os “conquistadores” e os “conquistados”.
- Compreender a importância das grandes navegações para a Europa e suas conseqüências.

Estratégias:

A aula ocorrerá primeiramente com uma exposição oral do assunto.

Essa exposição se fará com o auxílio de transparências.

Transparência nº 1:

- Analisar as rotas do comércio no período que antecede as grandes navegações.

- Comentar e analisar os principais produtos do período e sua utilização.

Transparência 2:

- Observar primeiras e principais grandes navegações, realizadas pelos portugueses.
- Analisar a viagem de Cabral: Toma posse do Brasil e continua até Calicute

(Objetivos da viagem).

Transparência 3:

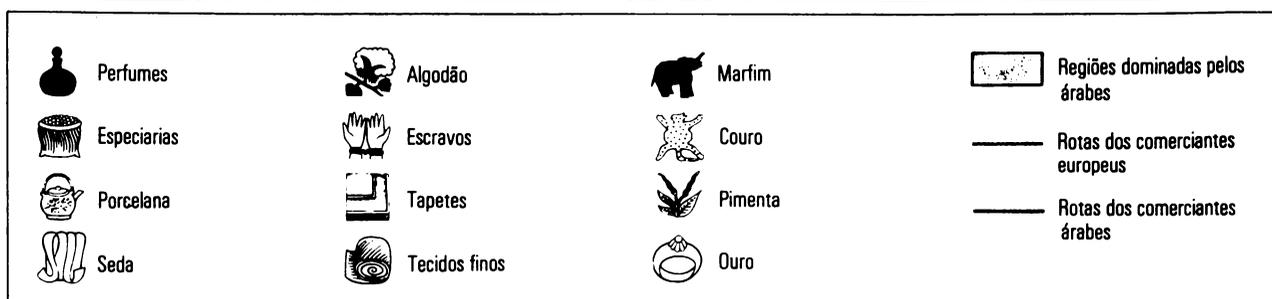
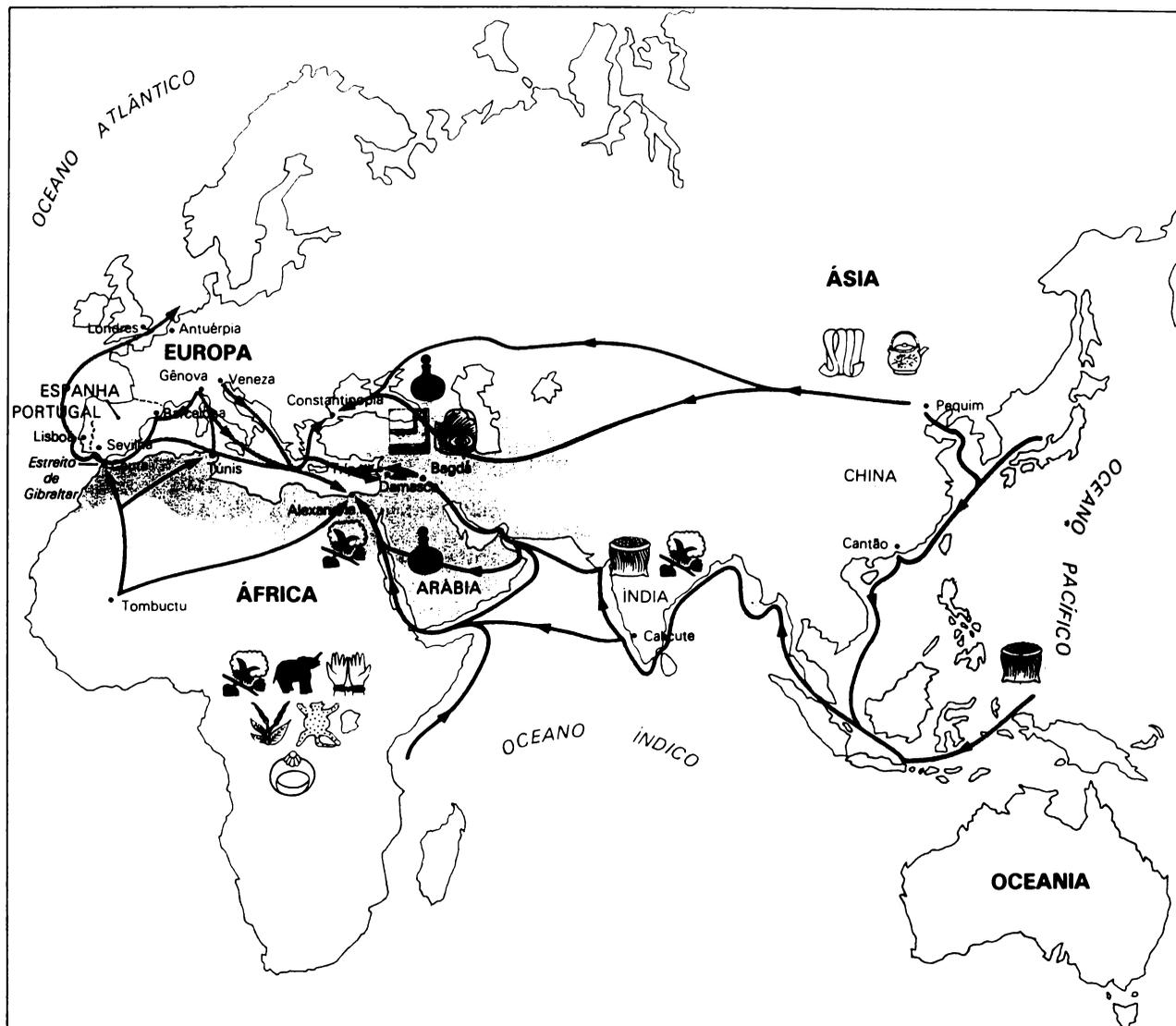
- Observar e comentar sobre a simplicidade dos instrumentos usados na navegação do período estudado.

Como conclusão da aula os alunos receberão um texto para leitura e análise - crítica sobre as grandes navegações e a conquista das novas terras.

Atividade em equipe: Ler o texto “As Grandes Navegações” e elaborar um texto com a opinião do grupo sobre a leitura realizada.

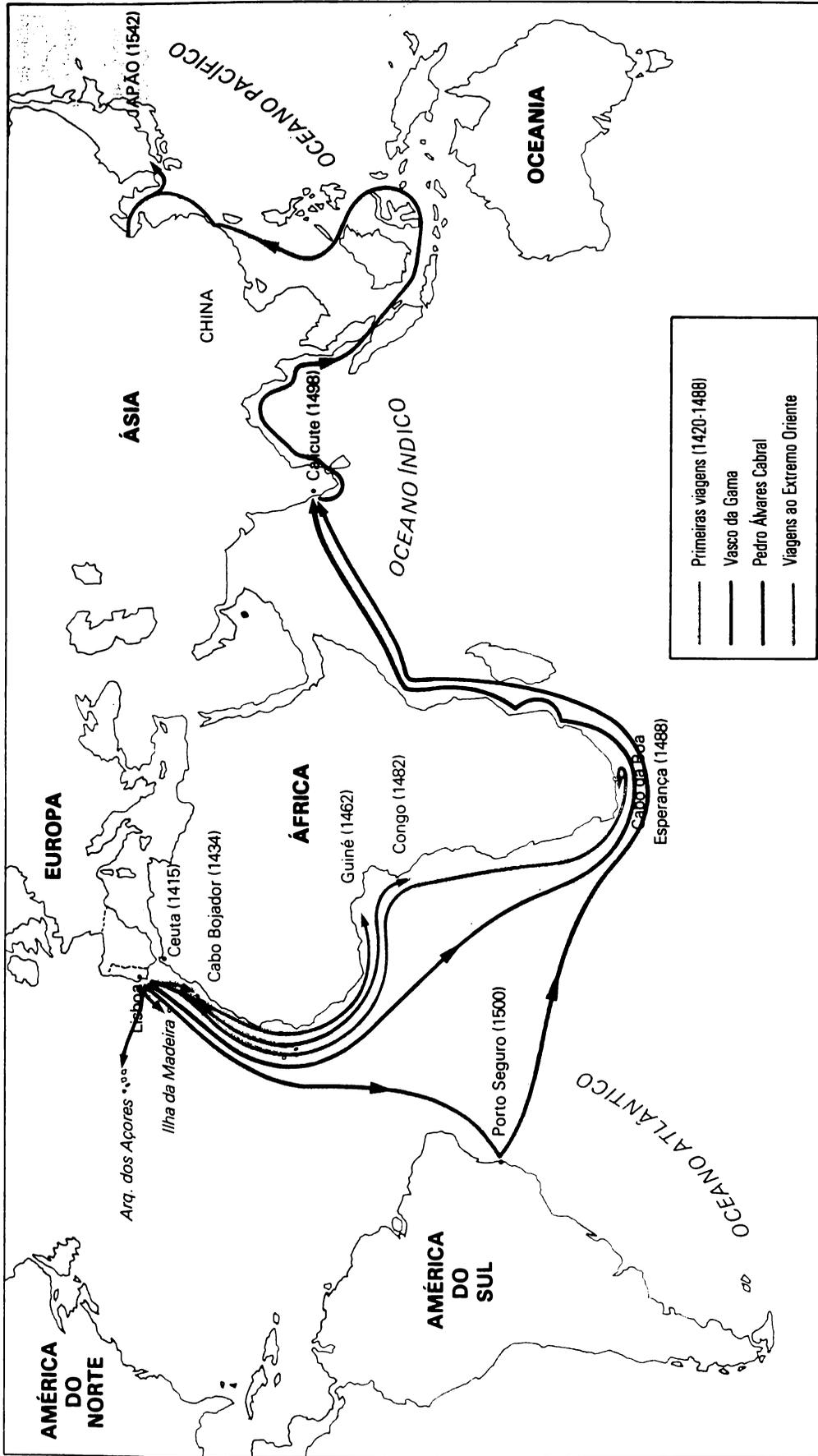
TRANSPARÊNCIA 1

ROTAS DO COMÉRCIO EUROPEU NO FIM DA IDADE MÉDIA



FONTE: PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. História e Vida. Ed. Ática. São Paulo. 1995.

NAVEGAÇÕES PORTUGUESAS



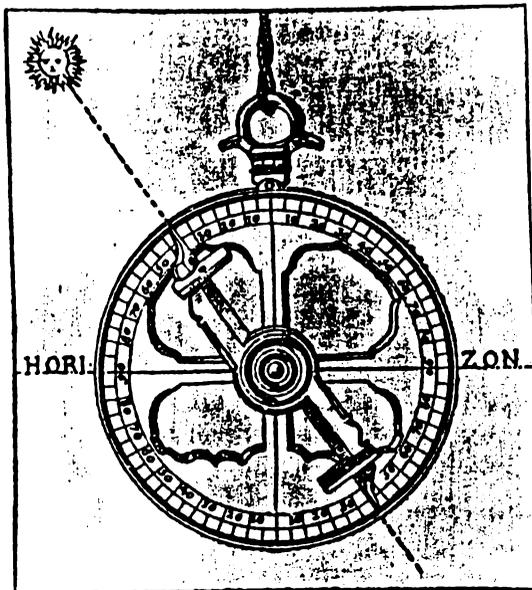
O comércio no Mar Mediterrâneo era intenso e lucrativo, mas estava dominado pelos italianos. Assim, para promover seu desenvolvimento comercial, os portugueses deviam explorar o Oceano Atlântico.

A expansão portuguesa teve início em 1415, com a conquista de Ceuta, cidade situada no norte da África. Depois disso, os navegantes portugueses continuaram avançando pelo litoral africano; em cada viagem, chegavam um pouco mais longe. Na África, eles obtinham muitos produtos valiosos, como ouro e marfim, e também grande número de escravos, que vendiam na Europa.

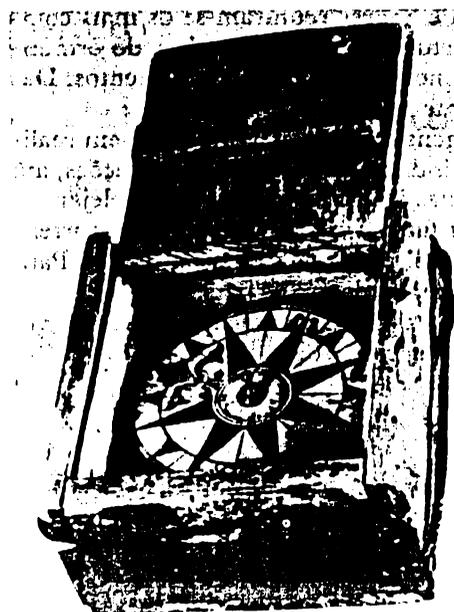
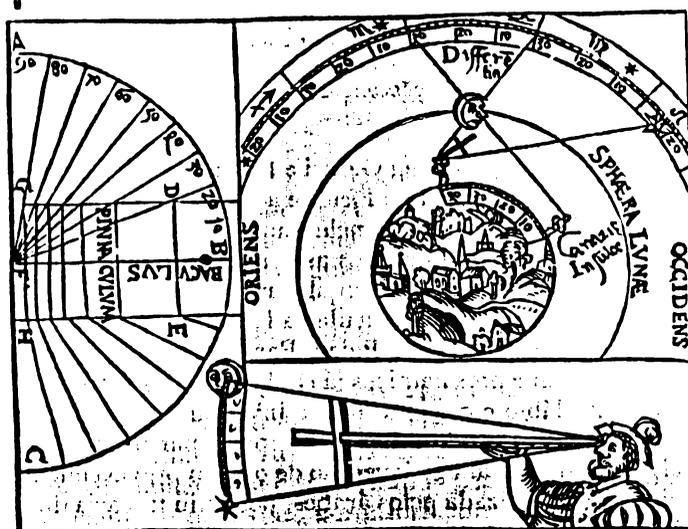
O principal objetivo dos portugueses era chegar às Índias. Mas isso não foi nada fácil: passaram-se mais de oitenta anos até que, em 1498, o navegador Vasco da Gama conseguiu chegar a Calicute.

Em 1500, partiu de Lisboa uma esquadra com destino às Índias, para assegurar o domínio sobre as novas possessões. Era comandada por Pedro Álvares Cabral, que acabou por descobrir a terra que viria a ser o Brasil.

Mas não pararam aí as viagens marítimas dos portugueses. Em 1542 — mais de um século após a conquista de Ceuta — eles chegaram ao Japão.



O astrolábio e a balestilha mediam a altura dos astros. A partir desse dado, os navegantes podiam calcular sua própria posição no oceano.



Com a ajuda da bússola, cuja agulha, atraída pelo magnetismo da Terra, aponta sempre para o norte, os navegadores conseguem se orientar em todas as direções: "Quando a noite é escura, quando não se vêem nem Estrela [Estrela Polar] nem Lua, então eles iluminam a agulha: já não podem enganar-se, visto que a ponta [da agulha] se vira para a Estrela. Assim os marinheiros ficam seguros de seguir o caminho certo". (Giot de Provins, século XIII)

TEXTO**AS GRANDES NAVEGAÇÕES: CONCLUSÃO**

Têm alma os índios e os negros? Onde foram parar os terríveis monstros marinhos e a zona tórrida do Equador, capaz de tudo queimar? Cadê o caos? Por que povos bárbaros e infiéis conseguiram acumular tantas riquezas? Como pessoas tão simples e ingênuas conseguem aparentar tanta felicidade? Como essa gente pode viver sem o verdadeiro Deus? Quem explica essa indiferença, esse desprezo pelo ouro, enquanto nós matamos e morremos por ele? Afinal, quem tem razão - esses povos ou nós? Que sei eu?

Essas foram perguntas que europeus do século XVI se fizeram. Os grandes descobrimentos marítimos, frutos de uma série de profundas transformações em toda a Europa, geraram, por sua vez, mudanças radicais na própria Europa e em todo o mundo descoberto.

A fim de garantir as conquistas e delas tirar melhor proveito, os europeus tiveram que enfrentar as diferenças entre eles e os povos encontrados. Apesar de geralmente não conseguir compreender ou respeitar os diversos tipos físicos, línguas, costumes e religiões que encontraram ao redor do mundo, os descobridores foram obrigados a reconhecer sua existência e, de uma forma ou de outra, a conviver com eles.

Essa convivência constitui uma das experiências mais fascinantes e mais dolorosas de todos os tempos. Para alguns europeus, significou confrontar sua própria civilização com as colonizações dos outros, pôr em dúvida verdades até então aceitas como absolutas, abrir mão de pontos de vista construídos ao longo de séculos, criar maneiras de pensar inteiramente novas, capazes de explicar o mundo. Mundo esse que os europeus haviam descoberto, mas

que não compreendiam, e que despertava inquietação e perguntas para as quais precisavam encontrar respostas.

Para grande parte dos europeus, essa experiência significou, de diferença maneiras, dominar, saquear, destruir, escravizar, violentar, corromper, explorar e matar milhares de pessoas e de civilizações em todo o mundo descoberto; significou enriquecer graças ao empobrecimento e à humilhação dos outros.

Para os povos conquistados, os descobrimentos e a posterior conquista europeia significaram uma total mudança em seus destinos. Eles conheceram homens diferentes que trouxeram e impuseram, geralmente pela força, outras técnicas e costumes, outros valores e crenças. Daí em diante foi trabalhar até a morte para enriquecer senhores e reis tirânicos que tudo queriam e nada doavam. Foi preciso entregar todas as riquezas e todas as belezas, mesmo as mais secretas, como o ouro escondido nas rochas do interior e as orações oferecidas aos ídolos.

Durante os contatos com os europeus, muitos africanos, asiáticos, americanos e habitantes da Oceania morreram. Para garantir a sobrevivência, muitos outros tiveram que reorganizar suas maneiras de viver, suas explicações de mundo, valores e comportamento. Às vezes essas reorganizações implicaram mudanças tão grandes que, por fim, esses povos se perderam de si mesmos, se desfiguraram, não mais se reconheceram.

Os grandes descobrimentos marítimos e suas conseqüências transformaram a vida de todos os europeus e de todos os povos que eles encontraram. Em grande parte, o mundo de hoje é fruto dessas viagens - as viagens que um dia um punhado de marinheiros ousou realizar, rumo ao descobrimento. (Amado, 1989)

Conteúdo: As Grandes Navegações. (Exposição Oral)

A partir das primeiras décadas do século XV, vários povos europeus lançaram-se aos mares, em busca de novas terras, que representassem novos mercados produtores e consumidores. Seriam portugueses, primeiramente, seguidos mais tarde pelos espanhóis, ingleses, franceses e holandeses.

Com o início da expansão marítima o eixo comercial deslocou-se do Mediterrâneo para o Atlântico; o monopólio italiano deixou de existir, com Portugal e Espanha deslanchando na corrida por novas terras. África, Ásia e América foram integradas no sistema comercial da Europa, fazendo parte de vastos impérios coloniais, enquanto o ouro, o marfim, as especiarias, os escravos, o açúcar, o tabaco proporcionavam enormes lucros aos mercadores europeus. As doutrinas do Mercantilismo, como política econômica das monarquias nacionais, ganharam corpo e se cristalizaram, ao mesmo tempo em que se formavam as grandes companhias comerciais monopolistas.

A este conjunto de fatos, que tiveram lugar no decorrer dos séculos XV e XVI, principalmente, chamamos REVOLUÇÃO COMERCIAL. A ele pertence o fenômeno da expansão ultramarina.

Na visão de SODRÉ (1988), sem a compreensão nítida do quadro europeu no século XV, não é possível situar o largo movimento da expansão ultramarina de que resultam as descobertas e, depois a colonização.

A Revolução Comercial, alastrando os seus efeitos, derroca as instituições feudais, em várias áreas; em outras, lutando contra elas, apresenta um quadro novo, que substitui o quadro medieval. Na Idade Média, a economia se fechara e se estiolava. Em seu último

período, os árabes dominavam o Mediterrâneo, em cujas águas os cristãos, isto é, os europeus, não tinham condições, no dizer de Kaldun, para “fazer flutuar uma tábua”.

A propriedade da terra marcava as referências da sociedade do tempo, - ela fornecia a maior parte dos bens econômicos, que eram consumidos no local ou nas proximidades, inexistindo o excesso de colheitas que proporciona a procura de mercados para a sua colocação. Nesta sociedade hermética e hierárquica, em que as cidades eram meras sedes episcopais, a Igreja tinha função eminente, monopolizava o saber, de que só os seus elementos se utilizavam, fornecia o pessoal administrativo, os notários, os chanceleres, os conselheiros, e o seu conceito do mundo se adaptava exatamente às condições do tempo, ao quadro agrário daquela fase histórica: a terra foi concedida por Deus aos homens; o objeto do trabalho é a subsistência, com o direito de ganhar o céu; a pobreza é de origem divina, como o poder, cabe aos ricos a caridade, isto é, a distribuição dos excedentes da colheita; a usura, a utilização do dinheiro como mercadoria, é vedada.

Escondida no fundo do Adriático, defendida pelas suas lagunas, e impossibilitada de viver do trabalho da terra, dividida nas ilhotas em que ancorava, Veneza, ligada ao Império Bizantino e dele dependente em larga fase, necessita trocar aquilo que obtém do mar pelo que a sua gente precisa para substituir, e começa a impulsionar o renascimento comercial, que cresce na medida em que as Cruzadas reabrem, pouco a pouco, o Mediterrâneo à navegação cristã. Os Mercadores dessa área juntam os seus esforços aos do Mar do Norte e do Báltico, e aparecem as feiras, os roteiros terrestres, e as cidades, os burgos, mudam de aspecto, aparecendo nelas, particularmente as portuárias, elemento sociais novos. O desenvolvimento das trocas especializa, a pouco e pouco, um grupo, o dos mercadores, que luta por vencer as resistências antigas e conquistar posição de destaque, como luta pelos seus direitos de

comerciar, resguardando os burgos, e os que neles vivem, da dominação dos senhores feudais. Nas cidades surgiam também as oficinas, que assinalavam a divisão do trabalho: os que fiavam e teciam a domicílio, e apenas para vestir a si e aos seus, são reunidos e grupados, para fiar e tecer visando à colocação do que fiam e tecem no mercado.

Tais transformações não poderiam deixar de repercutir nos conceitos, nas idéias, nas técnicas do tempo, inclusive, e principalmente, no problema do poder. Opera-se, nessa fase, a unificação real, isto é, aparece a monarquia em sua plenitude: o rei, de senhor feudal mais eminente, para a submeter os demais. Surge, assim, a nação. Em algumas áreas esse processo é rápido, em outras é muito lento, em terceiras não chega a se realizar, transferindo-se a outra fase. Para alcançar a unificação do poder, o rei encontra ajuda nos mercadores, e é essa ajuda que lhe permite fortalecer a sua capacidade militar. Para fortalecê-la, encontra uma técnicas propicia na utilização da pólvora para propelir projéteis, enquanto o recrutamento afrouxa os laços da servidão feudal.

Numa sociedade em que as trocas se desenvolvem, as restrições aos juros não podiam prevalecer por longo tempo, e os valores já não eram apenas condicionados pela terra e o que dela retirava o esforço do homem. Surge, então, a ruptura na antiga unidade cristã, aparecendo a Reforma. Surge, por outro lado, a necessidade da extensão do saber a uma nova classe, que vai utilizá-lo, e é por isso que os tesouros clássicos, recolhidos e resguardados pelo clero, são difundidos, no largo movimento conhecido como Renascença. A Imprensa, reaparecendo em condições que a exigiam, permite multiplicar as criações, levando-as ao maior número de pessoas que tinham acesso ao ensino.

Os roteiros terrestres, que permitiam a troca entre as cidades portuárias do Mediterrâneo e as do Mar do Norte, tinham sido complementados, quando não inteiramente substituídos, pelos roteiros marítimos, desde que aquele fora reaberto à navegação dos

cristãos. Entre as mercadorias que alimentavam as trocas do tempo, distinguem-se as chamadas especiarias, que os mercadores italianos iam buscar nos portos em que os mercadores do Oriente as colocavam. Há um movimento importante de trocas entre as áreas do Mediterrâneo e do Mar do Norte, por via marítima, movimento que encontra, como ao tempo das Cruzadas, o território português como zona de apoio e utiliza os seus ancoradouros. A queda de Constantinopla interrompe, com a descida dos otomanos, o contato entre os mercadores italianos e os do Oriente. Surgem as condições em que não só se processa um progressivo deslocamento da técnica, do pessoal e dos meios da península italiana para a península ibérica como para o início da fase oceânica das navegações, de que resultará a descoberta de um novo mundo.

Apesar das transformações ocorridas, as grandes navegações não são algo que ocorre de maneira fácil e natural.

Em consideração às possibilidades que têm os homens de vencer as distâncias, a Europa é dez vezes mais vasta aos homens do século XVI do que o é para nós. É necessário ainda introduzir nuances. O mar é mais favorável ao transporte das mercadorias; a terra ao do correio e ao dos homens em pequeno número.

Os progressos da navegação permitem seguir as rotas, ir contra o vento. Não obstante, mesmo no Mediterrâneo, dá-se ainda preferência a viajar ao longo da costa. Neste mar circulam navios, providos de velas venezianas, genovesas ou ragusianas, que atingem 1 000 toneladas. Contudo, os armadores continuam a utilizar navios menores, mais rápidos que lhes permitem dividir os riscos. No oceano, preferem-se os pequenos veleiros de 100 toneladas, mais fáceis de manobrar e que apresentam a vantagem de remontar os estuários.

AULAS Nº 2 E 3

“1492 - A CONQUISTA DO PARAISO” (Filme)

O filme é um documento histórico datado de 1992 que busca demonstrar, na visão do autor, a realidade vivida por Cristovão Colombo e demais envolvidos no processo que culminou com a descoberta e conquista do continente americano em 1492.

O filme foi realizado no período das comemorações dos 500 anos do descobrimento da América com o intuito de lembrar e imaginar através das cenas do filme o cotidiano dos grandes descobrimentos marítimos, frutos de uma série de profundas transformações em toda a Europa, e que geraram, por sua vez, mudanças radicais na própria Europa e em todo o mundo descoberto.

O filme - 1492 - A conquista da América - é distribuído pela Vídeo Arte do Brasil - Odissey distribuidora Ltda.

Filme e direção de Ridley Scott.

Produção de Ridley e Alain Goldman.

Objetivos:

- Analisar a visão do autor, no filme, sobre o descobrimento da América.
- Discutir e estabelecer relação entre o que o filme demonstra e o que os historiadores descrevem sobre o fato.
- Identificar nas cenas do filme quais os interesses que moviam marinheiros, comerciantes e nobres no empreendimento das viagens marítimas.
- Realizar uma análise-crítica sobre o filme a partir dos conhecimentos adquiridos em seus estudos.

Estratégias:

Para que o aluno assista o filme e o compreenda de maneira eficaz e completa deverá ter - como requisito para assistir o filme - lido e estudado na biblioteca da escola ou em casa sobre o descobrimento da América.

Com o conhecimento prévio sobre o assunto o aluno assistirá o filme distribuído em 2 aulas.

Concluído o filme os alunos receberão uma série de questões que servirão como um roteiro para a realização de um texto sobre a descoberta da América na visão e / versão defendida pelo filme.

Roteiro - Questões:

1. Você percebeu no filme o contexto europeu em que ocorrem as grandes navegações?
2. Qual a teoria e objetivos de Colombo ao empreender a viagem demonstrados no filme?
3. Cite os interesses que você percebeu, da nobreza ao patrocinar a viagem da descoberta.
4. Como são apresentadas as condições de navegação e dos marinheiros?
5. Como é, na concepção do autor, a pessoa: Cristovão Colombo?
6. Qual é a primeira visão da terra e da gente dessa terra?
7. Como o filme apresenta relação entre o índio e o homem branco?
8. Qual a reação dos espanhóis com a terra descoberta ? O que esperavam encontrar?

9. Qual a visão de trabalho demonstrada no filme?

10. Qual a 1ª construção espanhola na América e qual o significado dessa obra?

Com o auxílio das questões os alunos elaborarão um texto - análise sobre o filme assistido.

AULA Nº 4

O “DESCOBRIMENTO” DO BRASIL

Esta aula aborda o “descobrimento” oficial do Brasil. É esse acontecimento que será comemorado no ano 2.000. Portanto é fundamental aos alunos trabalhadores, jovens e adultos, terem acesso a esse conhecimento. O saber não deve ser apropriado somente por uma minoria da sociedade, mas sim, ser compartilhado com todos para que realmente se alcance a verdadeira cidadania onde os direitos são estendidos à todos.

A questão motivadora será; Você conhece esse fato que comemoraremos no ano 2.000?

Como foi o descobrimento do Brasil?

Objetivos:

- Conhecer sobre o descobrimento oficial do Brasil.
- Identificar as dimensões desse fato histórico.
- Compreender o significado dos nomes dados à essa terra.
- Despertar um novo olhar sobre o país.
- Reconhecer que historicamente o Brasil é ainda um país jovem.

Estratégias:

A aula será primeiramente expositiva com o uso de transparências que ilustram e enriquece o conteúdo explicado.

Transparência 4:

- Analisar, comentar e pedir aos alunos que elaborem um texto sobre a presença da religião nas grandes navegações e início da colonização brasileira

- Observar a embarcação utilizada no período.

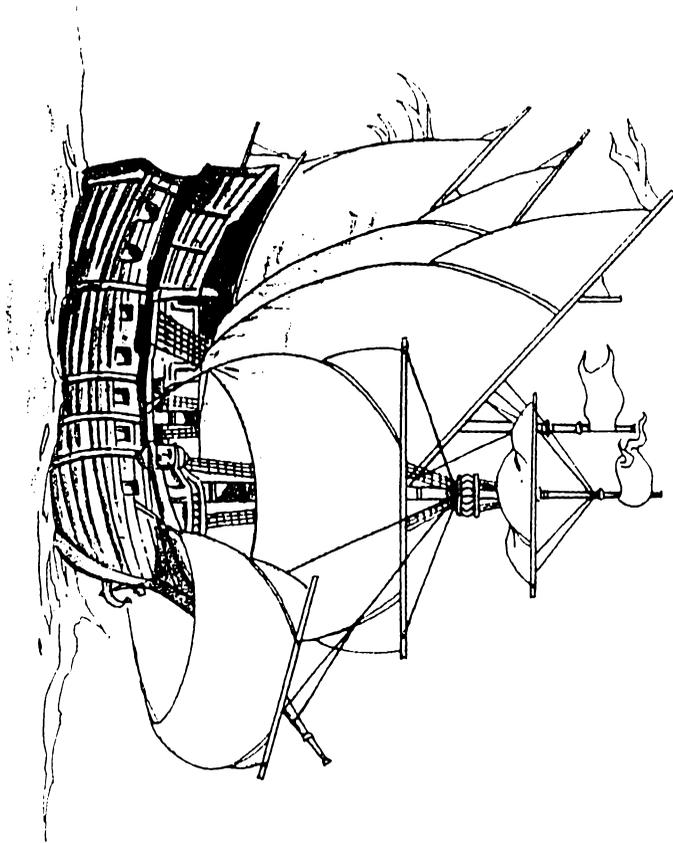
Em seguida à explicação oral, os alunos receberão um texto - A terra chamada Brasil - onde relata questões como o nome Brasil, clima, riquezas, etc.

Atividade: Ler, comentar e elaborar individualmente uma redação com o mesmo título do texto: “A Terra Chamada Brasil”, com o enfoque sobre o Brasil hoje.

- Qual nome daria?

- Qual a visão desse país para você (aluno)?

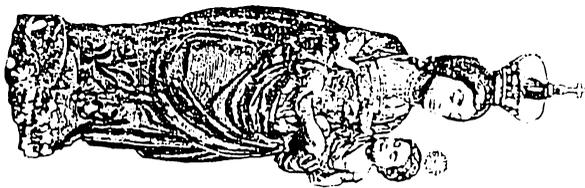
▶ Barco típico de navegação portuguesa de alto-mar.



▶ Réplica da cruz do navio de Cabral e presente na primeira missa em solo brasileiro.



▶ Imagens em madeira ou barro deram início às artes coloniais.



TEXTO

A TERRA CHAMADA BRASIL

Há várias explicações para o nome Brasil. Algumas fantasiosas, a exemplo da que faz alusão a uma ilha misteriosa - Hy-Brazil, no meio do Atlântico. Quiseram também que o nome se originasse do tupi-ibira-ciri, isto é, pau-espinhento (ibiraciri-biraciri-biracar-bracir-brasil). Ou do tupi-guarani paraci significando mãe do mar, ou seja, país à beira-mar.

Moderadamente, aceita-se que a árvore chamada ibirapitanga pelos índios e pau-brasil pelos europeus tenha servido para dar nome ao país. Era conhecida na Europa antes do ano de 1500, usada para dar um bonito vermelho aos tecidos. Para tanto, devia ser reduzida a cavacos (cavaco, em italiano quinhentista, era *verzi*, *verza*, *verzino*). O uso da palavra resultou em *bresil* para os franceses; *brazil*, entre os ingleses; e *brasil* no dizer dos alemães. Foi assim que a Europa, levada pelo interesse econômico, estendeu à terra o nome do seu produto principal, o pau-brasil.

Portugal, movido pela fé religiosa, bem que tentou manter nomes devotos: Vera Cruz, Ilha de Santa Cruz. Nem a vontade do rei venceu a dos mercadores. E a terra descoberta por Cabral passou a ser conhecida por Brasil.

O país é, quase todo, território tropical de face leste. Isso quer dizer que recebe sempre a umidade vinda do oceano, o que o faz habitável, aproveitável. Essas terras - 6 mil quilômetros de costa - estavam cobertas por florestas que ofereciam oito vezes mais espécies vegetais do que as mais ricas regiões européias.

Américo Vespúcio, navegador cujo nome foi dado ao continente, depois de percorrer 750 léguas de costa brasileira, exclamou: "Se existe o paraíso, deve ser por aqui". (DONATO, 1997).

Conteúdo: O “Descobrimento” do Brasil (Exposição Oral)

Com a viagem dos Portugueses ao Brasil sob o comando de Pedro Álvares Cabral. O Brasil “inicia” sua história.

Nas vésperas do século XVI, a 22 de abril de 1500. Pedro Álvares Cabral encontrou no Brasil uma população bem ao gosto do conquistador europeu: desarmada, inocente, pagã. O português desembarcou, tomando posse da terra e de mais ou menos 2 milhões de índios. (DONATO, 1997)

A melhor equipada frota que jamais zarpara de portos ibéricos: a armada do Almirante Pedro Álvares Cabral, alcaide-mor de Azurara e Senhor de Belmonte, composta por treze naus e cerca de mil e duzentos homens. Entre os chefes da expedição havia marujos de grandes conhecimentos marítimos e experiência náutica, como é o caso de Nicolau Coelho (um dos capitães da frota de Vasco da Gama), Bartolomeu Dias e Duarte Pacheco Pereira. Partiram os navios no dia nove de março de 1500 da praia do Restelo. Em vinte e três do mesmo mês, desapareceu a embarcação comandada por Vasco de Ataíde, reduzindo para doze naus a frota cabralina. Afastando-se do litoral africano avistaram, no dia vinte e um de abril, inequívocos sinais de proximidade de terra - como salienta Pero Vaz de Caminha em sua carta de “achamento” do Brasil.

Na manhã seguinte avistou-se um monte, ao qual chamaram Pascoal (era a semana da Páscoa). Estava descoberta a terra de Vera cruz (depois, Santa Cruz, hoje Brasil).

Sobre a questão da descoberta, existem muitas controvérsias, uns defendendo a intencionalidade, outros a casualidade do achado.

“No dia 23, quinta-feira, navegaram para terra e foram ancorar em frente da boca de um rio, onde os cristãos travaram as primeiras relações com os indígenas. No dia subsequente, a 24, sexta-feira, rumaram para o norte, os navios de menor tonelagem entraram num abrigo, que Cabral chamou Porto Seguro, mais tarde denominado baía Cabralia. Dois jovens indígenas, apanhados numa almádia foram apresentados a Cabral. Os intérpretes das línguas asiáticas e africanas que estavam a bordo, porém, não compreenderam o idioma falado pela tribo dos tupiniquins, que então dominavam o sul baiano.

A primeira missa em território brasileiro foi rezada em 26 de abril, domingo de Pascoela, por Frei Henrique de Coimbra (depois bispo de Ceuta) , após a armada ter penetrado por inteiro no porto.

Ainda em 26 de abril, foi tomada a decisão de repartir o navio de abastecimento, comandada por Gaspar de Lemos, para levar ao rei de Portugal a notícia da descoberta da terra. Em 1 de maio foi erguida uma cruz com as armas e a divisa da casa real portuguesa, significando a tomada de posse dos novos territórios em seu nome.

No dia seguinte, a frota de Cabral seguiu viagem rumo às Índias, enquanto Gaspar de Lemos voltava à Europa, levando consigo a carta de Pero Vaz de Caminha, deixando aqui dois desgredados e, segundo alguns autores, dois aprendizes de marinheiros que haviam abandonado a expedição.

Os livros didáticos mais atualizados já colocam a questão da intencionalidade da descoberta do Brasil. Iniciou-se recentemente uma reflexão maior sobre o fato e deixa-se aos poucos aquela visão romântica até, do acaso, do descobrir no sentido literal.

Descrições contemporâneas mostram que a descoberta do Brasil não suscitou maior admiração. É óbvio que se sabia da existência de terras nessa área, o que explica o pormenor das 370 léguas no tratado de Tordesilhas. Se o Brasil fora já visitado antes, avistado à

distância ou simplesmente conjecturado por alguns sinais de terra, continua a ser matéria para discussão entre vários historiadores. Até hoje, nenhum deles conseguiu trazer provas convincentes da sua argumentação. (MARQUES, 1984)

De qualquer forma há 500 (praticamente) o Brasil inicia sua condição de colonizado, explorado e dominado com a frase: “*Terra a Vista*”.

Esse é o enunciado inaugural do Brasil. Repetido ritualisticamente a cada vez que navios encontram onde aportar, não se trata de uma fala original. É chapa cristalizada, estereotipada. Comentário de aventureiros. Fala de piratas. De descobridores: o discurso das descobertas. Des-cobrimento.

Se nos aproximamos mais desse enunciado podemos ainda especificar que é uma exclamação. De que natureza seria: de júbilo, de surpresa, de alívio, de apreensão, de curiosidade?

De todo modo, por significar porto, ele pode indicar, de um lado (daquele dos que ancoram), a chegada (porto seguro) e, de outro (o dos que aqui estão), entrada (invasão). Promessa ou ameaça? Visitantes ou invasores? Terra a servir de berço esplêndido? A ser pilhada? De quem, essa terra?

À Vista.

“Ver “ tem um sentido bem específico nesse contexto: o que é visto ganha estatuto de existência. Ver, tornar visível, é forma de apropriação. O que o olhar abarca é o que se torna ao alcance das mãos. O visível (o descoberto) é o preâmbulo do legível: conhecido, relatado, codificado. Primeiro passo para que se assente a sua posse. A submissão às letras começa e termina no olhar. O discurso das descobertas dá notícias do que vê. Considerando, dizia

Thevet (a567) em seu relato, “ a minha longa e penosa peregrinação, realizada com o designo de ver”...

Podemos assim concluir que “Terra à vista” - a primeira fala sobre o Brasil - expressa o olhar inaugural que atesta nas letras a nossa origem. Pero Vaz de Caminha dará o próximo passo lavrando nossa certidão, com sua Carta. Ao mesmo tempo, para os europeus, essa exclamação diz o início de um processo de apropriação. Descoberta significa , então, conquista.

Mas pode significar muitas coisas. De qualquer modo, o discurso das descobertas é um discurso que domina a nossa existência como brasileiros, quer dizer, ele se estende ao longo de toda a sua história, produzindo e absorvendo sentidos.

Há uma cumplicidade do discurso das descobertas com o científico que lhe dá um modo de existência ideológico, que vai assim resultar em um “fechamento”: descobrir é dizer o conhecido. (ORLANDI, 1990)

AULA Nº 5

O “VERDADEIRO CABRAL”

Na véspera das comemorações dos 500 anos do “descobrimento”, novas pesquisas revelam que Portugal mandou uma missão secreta ao Brasil alguns anos antes da chegada de Cabral.

Algumas revistas como a VEJA, SUPER INTERESSANTE e ISTO É , trazem reportagens sobre as teses do descobrimento do Brasil.

Vamos ler uma dessas reportagens e procurar saber:

Cabral realmente descobriu o Brasil?

Se não foi assim como sempre aprendemos, como foi?

Objetivos:

- Conhecer outra tese sobre o descobrimento do Brasil.
- Identificar os jogos de interesse que envolviam as descobertas de novas terras.
- Compreender e justificar porque há, praticamente a certeza de que Portugal sabia dessas terras.

Estratégias:

Os alunos serão divididos em grupos. Cada grupo receberá uma cópia do texto e fará a leitura.

Concluída a leitura e entendimento do texto, cada grupo deverá apresentar o conteúdo do texto, ou a conclusão do grupo através da elaboração de cartaz ou apresentação através de poemas, paródias ou jogral.

TEXTO**O VERDADEIRO CABRAL**

Esqueça tudo o que você aprendeu na escola sobre o descobrimento do Brasil. O primeiro português a vir às terras brasileiras não foi Pedro Álvares Cabral, ao contrário do que até hoje ensinam os manuais de história. O primeiro torrão de solo tupiniquim, avistado pelos portugueses também não foi o Monte Pascoal, no sul da Bahia. O primeiro contato dos europeus com a terra brasílica tampouco ocorreu em 22 de abril de 1500. A dois anos das comemorações oficiais pelos 500 anos do descobrimento do Brasil, os últimos trabalhos de pesquisadores portugueses, espanhóis e franceses revelam uma história muito mais fascinante e épica sobre a chegada dos colonizadores portugueses ao Novo Mundo. O primeiro português a chegar ao Brasil foi o navegador Duarte Pacheco Pereira, um gênio da astronomia, navegação e geografia e homem da mais absoluta confiança do rei de Portugal, d. Manoel I. Duarte Pacheco descobriu o Brasil um ano e meio antes de Cabral, entre novembro e dezembro de 1498. O primeiro português a confirmar que existiam terras para lá do Oceano Atlântico desembarcou aqui num porto localizado nas proximidades da fronteira do Maranhão com o Pará. (...)

O motivo para que a descoberta fosse tratada como segredo de Estado era bastante simples: as terras encontravam-se em área espanhola, de acordo com a divisão estabelecida pelo famoso Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494, quatro anos antes de Duarte Pacheco chegar à Amazônia. (...)

O historiador Jorge Couto em seus estudos chegou à seguinte conclusão: em outubro daquele ano (1498), o rei português d. Manoel I viu frustradas as suas ambições de subir ao trono da Espanha, depois que morreu sua mulher, dona Isabel, filha dos reis católicos Isabel

de Castela e Fernando de Aragão. Perdeu assim sentido a política de boa vizinhança que ele vinha desenvolvendo com os espanhóis. D. Manoel I resolveu, então, mandar uma expedição para descobrir terras na “parte ocidental, passando além a grandeza do mar Oceano”. A parte ocidental era onde ficavam as terras descobertas pelos espanhóis nas Américas, na primeira expedição comandada por Cristovão Colombo em 1492. O mar Oceano era como os portugueses chamavam o Oceano Atlântico. (...)

Para a missão d. Manoel I escalou o melhor homem que tinha à disposição. Duarte Pacheco era um exímio navegador, como tinha demonstrado na costa da África, era da sua total confiança e, o mais importante, tinha sido um dos conselheiros técnicos de Portugal nas intrincadas negociações do Tratado de Tordesilhas. (...)

“A viagem de Cabral continua a ser considerada o descobrimento oficial do Brasil apenas por uma questão de tradição e de comoditas”. Não é só em Portugal que Duarte Pacheco é reconhecido como o responsável pelo descobrimento do Brasil. O espanhol Juan Gil, da Universidade de Sevilha, e o francês Serge Gruzinski, do Centre Nationale de Recherches Scientifiques, também fazem essa afirmação. (...)

Após ter recebido as ordens do rei, Duarte Pacheco zarpu, em novembro de 1498, do arquipélago de Cabo Verde, na costa da África, em direção à linha do Equador, favorecido pela corrente marítima das Guianas, Duarte Pacheco não teve dificuldade para iniciar uma viagem pelo litoral brasileiro que foi até a Ilha do Marajó e a foz do rio Amazonas.

Durante o trajeto, Duarte Pacheco encontrou populações compostas de homens” pardos quase brancos”. Essas eram justamente as características físicas dos índios aruaques que dominavam a orla marítima do Norte do Brasil. (...)

Na volta a Portugal os resultados da expedição foram mantidos sob absoluto sigilo. Uma cláusula do Tratado de Tordesilhas obrigava Portugal e Espanha a comunicarem ao

outro reino as ilhas e terras descobertas em domínios alheios. Ora, todas as terras descobertas ficavam na área dos espanhóis. O rei d. Manoel I, que não tinha mais como subir ao trono espanhol, calou para não dar munção de graça aos concorrentes. (...)

O silêncio sobre a expedição de Duarte Pacheco foi apenas mais um golpe baixo na feroz competição que portugueses e espanhóis travavam no final do século XV. Na luta pela hegemonia na Península Ibérica e para ver quem primeiro descobriu o caminho das ricas especiarias das Índias, Portugal e Espanha travaram uma guerra suja, cujo estopim foi a descoberta de Colombo em 1492 de algumas ilhas nas Bahamas e nas Antilhas. Quando Colombo retornou da viagem, o rei de Portugal, d. João II, reclamou a propriedade das novas terras, que seriam lusitanas de acordo com o Tratado de Alcaçóvas, de 1479. Para revogar a exigência de Portugal, os reis espanhóis apelaram para a sua influência no Vaticano. O papa Alexandre VI era um conterrâneo, natural de Valência, que devia favores aos soberanos espanhóis. (...)

Nas negociações, d. João II conseguiu que a demarcação entre os domínios portugueses e espanhóis fosse esticada para uma linha imaginária, que ia do Pólo Norte ao Sul, a 370 léguas a oeste de Cabo Verde. Na versão da Inter Caetera II, a totalidade do território brasileiro ficava em área espanhola. Os domínios portugueses terminariam no meio do Oceano Atlântico, antes até da ilha de Fernando de Noronha. Por Tordesilhas, a linha de demarcação avançou até uma parte do Estado do Maranhão, incluindo na área portuguesa a maior parte das terras brasileiras. Era um sinal de que eles já tinham indícios da existência do Brasil. (...)

Duarte Pacheco foi um dos peritos portugueses nas negociações de Tordesilhas, que segundo os testemunhos da época, deram um banho nos espanhóis. Ele assinou o tratado em 7 de junho de 1494 na “qualidade de contínuo da casa do senhor rei de Portugal”. (...)

Perto do “Aquiles lusitano”, o “descobridor” oficial do Brasil, compõe uma pálida figura. Cabral não entendia quase nada de navegação, mas era oriundo da média nobreza - teve a sorte de casar com uma das herdeiras de uma das famílias mais ricas do reino. Foi assim que conseguiu ser escalado para comandar a maior armada que Portugal já montara . Pela quantidade de homens e naus, a expedição de Cabral é mais uma prova de que os portugueses vinham para tomar posse do Brasil e usá-lo como base de apoio da rota para as Índias. (...)

Os portugueses acreditavam que o Brasil se encontrava mais próximo do Sul da África do que realmente está. Após a viagem de Cabral, perceberam o erro e só partiram para a ocupação do Brasil 30 anos depois.

Entre os historiadores, é quase consensual que Cabral partiu de Portugal com instruções secretas do rei d. Manoel para chegar às terras já descobertas por Duarte Pacheco. (...)

Cabral ficou apenas uma semana, rumando para a segunda etapa, mas fracassou na missão de estabelecer a feitoria em Calecut. Um ataque de surpresa dos hindus, atizados por comerciantes muçulmanos, destruiu a feitoria e massacrou vários portugueses, entre eles Caminha. Cabral voltou a Lisboa com apenas seis navios. Entrou depois em atrito com o rei e não voltou mais a comandar expedições marítimas. D. Manoel I teria justificado a decisão com o argumento de que Cabral não era “ um homem com muita fortuna no mar”.

O que teria sido o grande feito da sua vida, o descobrimento do Brasil, só foi divulgado um ano depois que a carta de Caminha chegou a Portugal. Isso demonstra a pouca importância que os portugueses deram à expedição de Cabral - mais um indício de que se tratava , realmente, da segunda viagem ao Novo Mundo. Quando comunica o fato aos reis espanhóis, d. Manoel I, cnicamente, o atribui a um ato milagroso. Até recentemente, a casa

que pertencera à família de Cabral, em Santarém, cidade portuguesa onde está o túmulo, funcionava como um prostíbulo. Está sendo agora restaurada por causa das comemorações do ano 2000.

REVISTA :ISTO É ED. 26.11.97

AULA Nº 06

A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

A carta de Pero Vaz de Caminha, conservada na Torre de Tombo em Portugal, é considerada a primeira grande reportagem sobre o Brasil. Considerada por muitos a Certidão de Nascimento desse país.

Composta de sete folhas de papel, cada uma com quatro páginas, a carta soma 27 páginas ao todo. É datada de 1º de maio de 1500, mas supõe-se que começou a ser escrita em 24 ou 26 de abril. Caminha deve ter levado vários dias para escrevê-la devido à sua extensão e à desigualdade da letra.

A carta do “achamento” - termo usado pelo próprio Caminha - do Brasil é considerada por estudiosos e epistológrafos um documento cheio de minúcias e principalmente, de estilo. A carta foi escrita para D. Manuel - rei de Portugal.

A motivação para essa aula será o levantamento das seguintes questões:

Qual a importância dessa carta? O que ela relata?

Qual a visão de Caminha sobre a terra e os índios?

Objetivos:

- Identificar no documento como se deu o processo da tomada da terra.
- Estabelecer relação entre os objetivos da viagem e a realidade descrita na carta.
- Explicar a visão de Caminha sobre os índios e sobre a terra encontrada.

Estratégias:

- Após o levantamento das questões com a curiosidade aguçada, será entregue para cada aluno trechos da carta de Caminha.

- Será realizada uma leitura em conjunto, com a realização de paradas e comentários que se fizerem necessários.

- Em seguida, cada aluno lerá novamente individualmente e colocará ao grupo qual aspecto da carta lhe chamou à atenção e porque.

- Como atividade final, cada aluno - ou em dupla de alunos - elaborará uma carta (texto) à alguém, contando seu achamento do Brasil, hoje:

- Como seria; qual sua visão dos habitantes desse país e dessa terra...

TRECHOS DA CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA A EL-REI D. MANUEL

“Senhor,

Posto que o Capitão-nor desta Vossa frota, e assim (mesmo) os outros escrevem a Vossa Alteza a notícia do achamento desta Vossa nova, que se agora nesta navegação achou, não deixarei de também dar nisso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder...

A partida de Belém foi - como Vossa Alteza sabe, segunda-feira 9 de março. E sábado, 14 do dito mês, entre as 8 e 9 horas, nos achamos entre as Canárias, mais perto da Grande Canária. E ali andamos todo aquele dia em calma, à vista delas, obra de três ou quatro léguas. E domingo, 22 do tido mês, às dez horas mais ou menos, houvemos vista das ilhas de Cabo Verde, a saber da ilha de São Nicolau, segundo o dito Pero Escolar, piloto. Na noite seguinte à segunda-feira (quando) amanheceu, perdeu da frota Vossa de Ataíde com a sua nau...

E assim seguimos nosso caminho, por este mar de longo, até que terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, topamos alguns sinais de terra... os quais eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam Botelho, e assim mesmo outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam furabuchos.

Neste mesmo dia, a hora de véspera, houvemos vista de terra! A saber, primeiramente de um grande monte, mui alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra, com grande arvoredos; ao qual monte alto o Capitão pôs nome. O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera-Cruz... E quinta-feira, pela manhã, fizemos vela e seguimos em direitura à terra... E chegaríamos a esta ancoragem às dez horas, pouco mais ou menos... E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito... Pardos, nus, sem cousa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas... A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos... Os cabelos deles são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta antes do que sobre-pente, de boa grandeza, rapados todavia por cima das orelhas.

Ao domingo de Pascoela pela manhã, determinou o Capitão ir ouvir missa e sermão naquele ilhéu. E mandou a todos os capitães que se arrajassem nos batéis e fossem com ele. E assim foi feito. Mandou armar um pavilhão naquele ilhéu, e dentro levantar um altar mui bem arranjado. E ali com todos nós outros fez dizer missa, a qual disse o Padre Frei Henrique de Coimbra, em voz entoada, e oficiada com aquela mesma voz pelos outros Padres e Sacerdotes... E depois de termos comido vieram logo todos os capitães a esta nau, por ordem do Capitão. (...) E perguntou a todos se nos parecia bem mandar a nova do achamento desta terra a Vossa Alteza pelo navio dos mantimentos, para melhor andar descobrir e saber dela mais do que nós podíamos saber, por irmos na nossa viagem..

E hoje que é sexta-feira, primeiro dia de maio, pela manhã, saímos em terra com nossa bandeira; e fomos desembarcar rio acima, contra o sul onde nos pareceu que seria melhor arvorar a cruz, para melhor ser vista. E ali marcou o Capitão o sítio (onde) haviam de fazer a cova para fincar...

Até agora não podemos saber se há ouro ou prata nela, ou cousa de metal (...) Contudo a terra em si é de muito bons ares, frescos e temperados como os de Entre-Douro e Minho (...) Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar dar-se há nela tudo, por causa das águas que tem!

E desta maneira dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta Vossa terra vi. E se a um pouco alonguei, ela que me perdoe. Porque o desejo que tinha de Vos tudo dizer, mo fez pôr assim pelo miúdo...

... Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Deste porto seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maior de 1500.

Pero Vaz de Caminha

AULA N° 7

A PRESENÇA DA IGREJA

A motivação inicial dessa aula faz-se com as questões;

O que faz a Igreja no Novo Mundo?

Por que a Igreja esteve presente nos grandes descobrimentos?

Que poder ela exercia?

Essa aula tem o intuito de levar os alunos à compreender do papel que a Igreja exercia no mundo da época dos descobrimentos, bem como, trazendo no presente, questionar o papel que a Igreja realiza hoje, em nossa sociedade.

Objetivos:

- Facilitar a compreensão do papel da Igreja no mundo ontem e hoje.
- Analisar a imposição de valores aos povos indígenas.
- Construir uma análise da atuação dos missionários com os indígenas.

Estratégias;

- Primeiramente será levantada a questão acima quanto ao poder da Igreja e realizada uma discussão a respeito (com o conhecimento que o aluno já possui).

Em seguida a essa motivação haverá uma breve exposição oral sobre o assunto.

Para ilustrar e enriquecer essa exposição oral será trabalhado a transparência da pintura da 1ª missa realizada no Brasil.

Transparência 5:

- Analisar e comentar os aspectos demonstrados na pintura: espontaneamente os alunos observarão a transparência e tecerão comentários.

Essa pintura busca retratar a tomada de posse oficial do Brasil. Na visão do pintor Vitor Meirelles os índios são meros espectadores, não demonstram compreender o que está acontecendo, mas para o homem branco a realização dessa cerimônia é fundamental.

Os alunos receberão o texto “A Conquista” extraído do livro. História em Documento que traz documentos que permitirão ao aluno conhecer sobre o assunto tal como ocorreu.

O acesso a trechos desses documentos históricos comprovarão a imposição da Igreja sobre os povos descobertos.

Com base no texto, conhecimentos adquiridos na aula e seus próprios conhecimentos os alunos farão um texto sobre o papel da Igreja na nova terra - Brasil - há 500 anos. O texto será individual e poderá ser feito em casa, como tarefa.



A PRIMEIRA MISSA
Victor Meireles

FONTE: MOCELLIN, Renato. História do Povo Brasileiro - Brasil Colônia. Ed. do Brasil .

TEXTO

A CONQUISTA

Ao impor seus valores, os conquistadores europeus desorganizaram as culturas dos povos descobertos. Alteraram o ritmo de vida desses povos, pois mudaram a relação que mantinham entre si e com a terra, o trabalho, os animais e as forças da natureza.

Os europeus proibiram os povos encontrado de expressarem suas próprias religiões; eles tentaram substituir as crenças locais pelos princípios e práticas do cristianismo. Ao fazer isso, provocaram mudanças profundas na vida desses povos, enfraquecendo-os e desorganizando-os. Pois era nos mitos*, nas crenças e nos símbolos que esses povos encontravam as explicações primeiras para a vida, a natureza, a morte...

A importância dos mitos em algumas das sociedades descobertas era tão grande que Montezuma, imperador asteca, chegou a interpretar a chegada dos conquistadores como sendo a realização de uma antiga profecia indígena. Baseando-se em uma série de presságios, ele reconheceu nos espanhóis os antigos deuses que, segundo a profecia, haviam criado o povo asteca e deveriam um dia voltar para dominá-lo. Foram estas as palavras de Montezuma a Cortés;

[...] Não, não é que eu sonhe, não me levanto adormecido do sonho: não vejo isso em sonhos, não estou sonhando [...] Acontece que já te vi, aconteceu que já te vi, aconteceu que já coloquei meus olhos em teu rosto! [...] Há cinco, há dez dias eu estava angustiado: tinha o olhar fixo na Região do Mistério. E tu vinhas entre as nuvens, entre neblinas. Era bem como deixaram-nos ditos os reis, os que regeram, os que governaram a tua cidade; que haverias de instalar-se em teu assento, em teu domínio, que haverias de vir para cá [...] Pois agora realizou-se: tu já chegaste, com grande esforço, com grande afã. Chega à terra:

vem a descansa; toma posse de tuas casas reais; dá refrigério ao teu corpo.

Chegai à vossa terra, senhores nossos! [...]

(Frei Bernardino de Sahagún, op. Cit., 1555)

A chegada dos espanhóis confundiu de tal forma a cultura asteca, que os índios chegaram a duvidar dos seus próprios deuses:

[Os índios...] pediram aos deuses que lhes concedessem favores e a vitória sobre os espanhóis e outros inimigos. Mas deveria ser tarde demais, porque não obtiveram mais nenhuma resposta em seus oráculos; então consideraram os deuses mudos ou mortos. [...]

(Durán, missionário espanhol, relato do século XVI)

Os povos descobertos tentaram em vão justificar seus deuses e crenças para os cristãos, como demonstra este diário entre o cacique inca e um padre espanhol.

[...] Atahualpa [...] disse quanto à religião, que a sua era muito boa e que se dava muito bem com ela [...] Ele dizia além disso que Jesus tinha morrido, mas que o Sol e a Lua nunca morriam, e perguntou ao frade como é que ele sabia que o Deus dos cristãos tinha criado o mundo. Frei Vicente respondeu-lhe que aquele livro o dizia, e ao dizê-lo deu-lhe o seu breviário [...] Atahualpa tomou o, abriu-o, olhou-o de todos os lados, folheou-o e [...] atirou-o no chão [...] Frei Vicente apanhou o seu breviário e foi ter com Pizarro, gritando: “Ele atirou ao chão os Evangelhos! Vinganças, Cristãos! Carreguem sobre eles! [...]

[f. López de Gomara, História da Índias, 1568)

Em todo o mundo, os conquistadores estavam decididos a impor a religião pela força:

[Em Goa, Índia, os portugueses...] tentavam converter as populações pela força e só

faziam maltratar os hindus de tal modo que todas as pessoas daquela terra. [...]

(Simão, Botelho, Carta ao rei de Portugal, século XVI)

[No tempo asteca...] há três salas onde estão os ídolos principais, todas de maravilhosa grandeza e belos trabalhos em cantaria*, madeiramente e figuras esculpidas. Dentro destas salas estão compartimentos, sem claridade nenhuma, onde ficam alguns religiosos. Ali dentro é que ficam seus ídolos. Os principais destes ídolos e nos quais eles tinham mais fé eu derrubei de seus assentos e fiz descer escada abaixo. Fiz também com que limpassem aquelas capelas, pois estavam cheias de sangue dos sacrifícios que faziam. Em lugar dos ídolos mandei colocar imagens de Nossa Senhora e de outros santos [...]

(Hernán Cortés, Segunda carta ao rei da Espanha, 30.10.1520)

Quando os conquistados tentavam reagir à imposição religiosa, os castigos eram redobrados, como demonstram os documentos que seguem:

[...] Depois de terem deixado a capela, esses homens [indígenas] jogaram as imagens [cristãs] ao solo, cobriram-nas com um punhado de terra e urinaram sobre elas; vendo isto, Bartolomeu, irmão de Colombo, decidiu puni-los de modo bem cristão [...] levou alguns homens maus à justiça e, uma vez definido o crime, fez com que fossem queimados em público. [...]

(F. Colombo, historiador espanhol, século XVI)

[...] Durante todo este tempo batizamos os indígenas de Cebu [no Oceano Pacífico] e das ilhas adjacentes. No entanto, houve uma aldeia em uma das ilhas em que os habitantes nos desobedeceram. Então queimamos a aldeia e fincamos no meio uma cruz. [...]

(Antonio Pigafetta, op. Cit., 1519-22)

Os métodos violentos da conquista e da imposição religiosa muitas vezes resultaram num verdadeiro horror dos povos descobertos aos conquistadores e à sua religião, como demonstra esta cena:

[O cacique Hatthuey, da atual ilha de Cuba...] foi preso com toda a sua gente e queimado vivo. E como estava atado a um tronco, um religioso de São Francisco lhe disse algumas coisas de Deus e de nossa Fé, que lhe pudessem ser úteis, no pequeno espaço de tempo que os carrascos lhe davam. Se ele quisesse crer no que lhe dizia, iria para o céu onde está a glória e o repouso eterno e se não acreditasse iria para o inferno, a fim de ser perpetuamente atormentado. Esse cacique, após ter pensado algum tempo, perguntou ao religioso se os espanhóis iam para o céu; o religioso respondeu que sim, desde que fossem bons. O cacique disse incontinenti, sem mais pensar, que não queria absolutamente ir para o céu; queria ir para o inferno, a fim de não se encontrar no lugar em que tal gente se encontrava. [...]

(Frei Bartolomeu de Las Casas, op. Ct., 1562)

A conquista foi a primeira etapa da dominação européia sobre os povos descobertos. A partir daí iniciou-se de fato a colonização, etapa seguinte desse longo processo de contato desigual entre os homens do mundo. (AMADO, 1989)

Conteúdo; A presença da Igreja (Exposição Oral)

Em nome de Deus é que os portugueses saíram à conquista do mundo. Seus navios ostentavam a cruz nas velas e levavam numerosos padres e frades. O ato inicial da colonização consistia em fincar uma cruz e rezar missa e, em seguida, fazer do homem ali encontrado um bom católico. Agiram assim também no Brasil.

Os índios não tinham, propriamente, uma religião. Admitiam a existência de uma força maior do que tudo, capaz do bem e do mal, senhora do universo, denominada Tupana ou Tupã, que falava pelo trovão e ameaçava com o raio. O índio avaliava o poder dessa entidade invisível pela observação de Coaraci, o Sol e de Jaci, a Lua. Deuses menores ou espíritos protegiam a mata, a água, os animais de caça. Não havia local de culto nem práticas religiosas. Somente a vaga idéia de um poder supremo.

Os portugueses, mesmo os que entenderam ser legítimo escravizar o índio, teimaram em fazer de cada selvagem um cristão. Por isso, usaram-se processos não-violentos como a catequização, a escola, a atração para a vida de tipo europeu. Defendendo o nativo contra a escravidão, os padres jesuítas ganharam a sua confiança. Mas também lançou mão de métodos radicais para mostrar a superioridade do cristianismo. Houve resistência e guerras, mas no geral o século XVI assistiu à adesão indígena à fé trazida pelos conquistadores. Além de jesuítas, atuaram também padres franciscanos, beneditinos e mercedários.

Ensinando religião na língua tupi, os padres escreveram gramáticas, canções, textos para teatro. Com isso, a literatura brasileira começou religiosa. Numerosas cidades cresceram ao redor da capela. Seus nomes, bem como os de acidentes geográficos, foram inspirados pelo sentimento religioso.

Nem todos os índios dados por convertidos permaneceram fiéis ao cristianismo. Pelo meio do século, descobrindo no branco mais defeitos que virtudes e fugindo à escravidão, muitos nativos cristianizados recuaram para as selvas e voltaram aos costumes e crenças dos avós.

Os negros trouxeram suas crenças. Solicitando a praticar o cristianismo, souberam combinar os cultos afros com a novidade imposta. Não poucos, os mais velhos especialmente, mantiveram e transmitiram secretamente a religiosidade tribal. Os aussás, negros muçulmanos, na Bahia, resistiram até a extinção ao apelo para mudarem de religião. Isso, em 1809, também na Bahia, os nagôs se revoltaram, exigindo, entre outras coisas, a liberdade religiosa.

Ocorreu um outro comportamento, envolvendo não poucos portugueses e franceses que viviam entre os índios. Eles adotaram os usos dos nativos e a sua indiferença religiosa, tornando-se exemplo para os nativos que resistiam a receber o batismo.

AULA Nº 8

O ESCAMBO

Qual foi a primeira atividade econômica realizada no Brasil pelos europeus?

Quem trabalhou?

Partindo dessa questão começaremos a aula expositora sobre o escambo realizada nos primeiros anos do Brasil Colônia.

Objetivos:

Os objetivos a serem atingidos com essa aula expositiva são:

- Reforçar a visão de que o objetivo maior dos europeus, era a exploração e não a povoação.
- Explicar a primeira atividade econômica realizada na nova terra.
- Conhecer as características do escambo, as feitorias, o pau-brasil.

Estratégias:

Exposição oral com o uso de transparências que ilustra a atividade.

Transparência 6:

- Observar as diferenças entre o homem europeu e o índio.
- Questionar as vantagens do escambo, para o europeu e o que perdiam os indígenas com essa atividade.

Transparência 7

- Analisar quem realizava o trabalho manual e pesado.
- Questionar a visão de trabalho para o homem europeu.



FONTE: DONATO, Hernâni. O Cotidiano Brasileiro no século XVI. Ed. Melhoramentos.

São Paulo. 1997.



Hans Staden

FONTE: PILETTI, Nelson. História do Brasil - da Pré-história do Brasil aos dias atuais Ed. Ática. São Paulo. 1990.

CONTEÚDO: (Exposição Oral)

O ESCAMBO

Escambo quer dizer câmbio, troca. Nos primeiros cinquenta anos do Brasil, o dinheiro circulante era muito pouco. E só por curiosidade poderia interessar ao índio. As suas mercadorias pau-brasil, pimenta, tabaco, animais - e os seus serviços - corte e transporte de madeira, hospedagem, alimentação - tudo era pago ou resgatado ou escambado com produtos tentadores: ferramentas, panos, anzóis, espelhos, pentes, vidrilhos, guizos, facas. Nunca, armas ou forjas com que pudessem confeccioná-las.

Não estranharam. Assim mesmo - pela troca - é que davam e recebiam de outros indígenas o que sobrava ou faltava no dia-a-dia tribal. Mas foi um choque para eles a constatação de que os europeus escambavam tudo e sempre, negociando, pechinchando, até enganando.

Com o tempo, o que havia sido forma honesta de receber e dar foi tornando-se processo de submissão. Os produtos europeus, como objetos de cobre ou de ferro, espelhos, utilidades, subiam sempre de valor, enquanto diminuía o das ofertas do nativo.

O escambo é relatado nos textos didáticos para demonstrar, que o Brasil não foi de imediato colonizado, mas sim “ abandonado” por um longo período e que a principal atividade desse período foi o escambo, a exploração do pau-brasil.

A exploração do pau-brasil foi realizada às custas do trabalho indígena que recebia como troca bugigangas européias.

A fase inicial da História antecede a colonização e vai da descoberta - tomada como ato primeiro da vida colonial - até o estabelecimento das Donatarias, quando começa o esforço contínuo para a colonização. É uma fase obscura, em torno da qual os fatos

conhecidos não são muitos e permanecem bastante controversos, demandando investigações, pesquisas, consultas e arquivos ainda não conveniente ou totalmente explorados. Essas obscuridade define-lhe a desimportância : a metrópole está com as atenções voltadas para a Índia, que lhe absorve os recursos e merece os cuidados. Dali é que lhe vêm as especiarias, e ali se decide o seu destino na expansão ultramarina. O Brasil permanece em segundo plano, esquecidos.

Chegam-lhe, entretanto, navios e frotas. Não apenas navios portugueses, e frotas portuguesas - mas navios e frotas de outras bandeiras, de particulares e de coroas. Parece que isso não perturbou a metrópole, que empregava estrangeiros em seu serviço e contratava com estrangeiros a exploração de determinadas riquezas locais. O que perturbou foram, mais adiante, as tentativas de estabelecimento. Na referida fase, o litoral brasileiro foi percorrido por navegadores de nações diversas, e comerciantes de nações diversas aqui chegaram e levaram a madeira tintorial e alguns poucos produtos naturais, talvez selvagens e certamente aves curiosas.

A atividade predominante foi a que se prendeu ao pau-brasil, que fornecia matéria-prima de consumo relativamente largo na manufatura da tecelagem, já bastante desenvolvida na Europa. Foi ele procurado e carregado por navegadores de nações diversas, particularmente franceses, além daqueles a que a coroa lusa fez concessões ou estabelecia arrendamentos. Uns poucos nomes foram retidos na documentação do tempo. O interesse pela madeira tintorial determinou o estabelecimento das feitorias, núcleo inicial de atividades, com caráter por vezes permanente, na fase referida. A feitoria era constituída por grupo, quase sempre numericamente diminuto, de homens, deixados num ancoradouro ou aguada propícia, e encarregados da derrubada e transporte da madeira para a praia. O trabalho era fornecido pelos indígenas e retribuído em objetos que os seduziam. Outras vezes, esse

trabalho se realizava totalmente quando da permanência de navios ou de frotas, deixando de existir a feitoria para isso.

Nesses núcleos primitivos, mais nos permanentes do que nos temporários, estabeleceram-se os primeiros contatos duradouros dos europeus com os indígenas. Eram contatos cordiais, nada se levantava entre os adventícios e os primitivos habitantes para estabelecer antagonismos. Aqueles necessitavam do trabalho destes, e não lhes disputavam as terras do plantio ou de caça. Estes se deixavam seduzir pela superioridade dos estranhos em armas, pelo que neles existia de curioso, inclusive os objetos brilhantes e coloridos, que se habituaram a receber como presente ou retribuição de trabalho. Homens largados num litoral pouco freqüentado, distante das suas terras de origem, os mantenedores das feitorias, adaptavam-se aos costumes locais e faziam das índias suas mulheres, sem compromisso e sem problemas. A esse tipo de contatos somou-se o dos degredados, seja os que eram deixados pelas frotas e navios, contra a sua vontade - e a coisa começou com a de Cabral - seja os que fugiam de bordo, escolhendo a vida que lhes parecia paradisíaca. (SODRÉ, 1988)

AULA Nº 9

GENTE DA TERRA

Tendo em vista que a gente da terra, os índios, são necessariamente abordados nas aulas anteriores, torna-se necessária a realização dessa aula exclusiva sobre os índios.

Os europeus chegaram às terras descobertas como se fossem seus legítimos donos, delas tomando posse em nome dos reis. Em nenhum momento respeitaram os direitos dos povos que nasceram e viviam nessas terras.

A questão que será lançada no início dessa aula será:

Como viviam e o que pensavam os índios?

O que mudou para essa gente com a chegada do europeu?

Objetivos:

- Conscientizar que o índio tinha seu próprio modo de vida e seus valores (que não foram respeitados).
- Reforçar o conhecimento a superioridade (em termos de armas) dos europeus massacrou os povos descobertos:
- Analisar e descrever a transformação do modo de vida dos índio de 500 anos atrás e como é hoje.

Estratégias:

O trabalho será desenvolvido com o uso de textos (poesias) que retratam o modo de viver e pensar dos índios (na época do descobrimento).

O contato com esses textos facilita e proporciona aos alunos o acesso ao pensar do passado, possibilitando o embasamento para comparar com o modo de pensar e viver de nossa sociedade hoje.

Os alunos serão divididos em 4 grupos, cada grupo receberá um texto que deverá ser lido, e compreendido pelos membros do grupo (com a orientação do professor).

Esses textos devem provocar admiração, interesse e comparações com o modo de vida e de pensar da nossa sociedade e principalmente dos índios (que restaram) hoje.

Para concluir, cada grupo elabora com base nos textos e seus conhecimentos um cartaz com um paralelo das idéias ou formas de viver do índio ontem e hoje, (se não houver conhecimento dos índios de hoje, o paralelo poderá ser com as idéias ou formas de vida da sociedade branca).

TEXTOS**1. - CADA NAÇÃO TEM SEU JEITO DE GOVERNAR**

O tipo de governo não é igual para todos os povos.

Tem governo que não escuta o povo.

Tem governo que escuta o que o povo fala.

Na nossa aldeia

quem governa é o chefe.

Ele não governa sozinho.

Ele sempre escuta o nosso povo.

Ele vai conversar nas casas

e ele escuta

o que as pessoas falam.

Ele escuta

o que os mais velhos falam.

ELE ESCUTA O QUE AS PESSOAS CONVERSAM NO LUGAR DE REUNIÃO!

(CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO (CIMI). História dos povos indígenas. 500 anos de luta no Brasil. 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1984, p. 48.)

2. - O ÍNDIO TRABALHA DIFERENTE DO BRANCO

O costume nosso é plantar

o que precisa para comer.

O costume nosso é trabalhar

o que precisa para viver cada dia.

O índio não trabalha

só para juntar coisas.

O índio não trabalha

só para ganhar dinheiro.

O índio não gosta de cansar no trabalho

para ficar rico.

Por isso, os índios não aceitavam

o tipo de trabalho nos engenhos.

Então os portugueses fizeram muita opressão.

Eles pegaram os índios à força!

Pegaram os índios igual se laça boi...

Esses portugueses opressores

Fizeram os índios ficarem escravos deles.

Os índios viraram gente sem liberdade...

(CIMI. História dos povos indígenas. p. 118-9.)

3. - O NOSSO JEITO DE ENSINAR É ASSIM

É o pessoal todo da aldeia

que vai ensinando para as crianças.

O vovô faz para o neto flecha pequena

faz arco pequeno.

O vovô faz para a neta pilão pequeno.

A vovó faz para a neta panela pequena.

Nosso jeito de ensinar é assim:

Gente grande trabalha.

Criança espia e aprende.

É assim que a gente ensina:

Ensina o menino a matar peixinho.

Ensina a menina a socar no pilão...

Ensina o menino a fechar passarinho

Ensinar a menina a fiar algodão.

O pessoal todo da aldeia ensina para as crianças.

Ensina todos os costumes do nosso povo.

(CIMI História dos povos indígenas. p. 57)

4. - OS ÍNDIOS NÃO COMPREENDEM O MERCANTILISMO

Eram muitas as diferenças entre os índios e os colonizadores: desde a língua até a maneira de se vestir, de pensar e de ver o mundo. Um dos aspectos que mais intrigavam os índios era a intensa divisão do trabalho existente entre os colonizadores. Não entendiam como às coisas usadas pelo branco - roupas, rede, mosquitoireiro, etc. - não tivessem sido feitas por quem as estava usando. Entre os indígenas, o que um homem sabe fazer, todos os outros homens também sabem; o que uma mulher sabe fazer, todas as outras também sabem. Geralmente, cada um faz as coisas que usa.

Outra diferença acentuada refere-se aos motivos que levam os índios e brancos a trabalhar. Enquanto o índio trabalha para viver, parece que o branco vive para trabalhar. Os índios não entendiam como o colonizador podia vir de tão longe para buscar pau-brasil. Sobre esse aspecto o francês Jean de Léry, vindo ao Brasil no século XVI, manteve uma interessante conversa com um velho índio Tupinambá.

“Os nossos Tupinambá muito se admiram dos franceses e outros estrangeiros se darem ao trabalho de ir buscar os seu arabutã. Uma vez um velho perguntou-me: Por que vindos vós outros, mãres e perôs (franceses e portugueses), buscar lenha de tão longe para vos aquecer? Não tendes madeira em vossa terra? Respondi que tínhamos muita, mas não daquela qualidade, e que não a queimávamos, como ele o supunha, mas dela extraímos tinta para tingir, tal qual o faziam eles com os seus cordões de algodão e suas plumas.

Retrucou o velho imediatamente: - E porventura precisais de muito? - Sim - respondi-lhe - , pois no nosso país existem negociantes que possuem mais panos, tesouras, espelhos e outras mercadorias do que podeis imaginar e um só deles compra todo o pau-brasil com que muitos navios voltam carregados.

- Ah! - retrucou o selvagem - tu me contas maravilhas - acrescentando depois de bem compreender o que eu lhe dissera: - Mas esse homem tão rico de que me falas não morre? - Sim - disse eu -, morre como os outros.

Mas os selvagens são grandes discursadores e costumam ir em qualquer assunto até o fim, por isso perguntou-me de novo: - É quando morrem para quem fica o que deixam? - Para seus filhos, se os têm - respondi - na falta destes, para os irmãos ou parentes mais próximos. - Na verdade - continuou o velho, que, como vereis, não era nenhum tolo - , agora vejo que vós outros mãres sois grandes loucos, pois atravessais o mar e sofreis grandes incômodos, como dizeis quando aqui chegais, e trabalhais tanto para amontoar riquezas para vossos filhos ou para aqueles que vos sobrevivem! Não será a terra que vos nutriu suficiente para alimentá-los também? Temos pais, mães e filhos a quem amamos, mas estamos certos de que depois de nossa morte a terra que nos nutriu também os nutrirá, por isso descansamos sem maiores cuidados.” (PILETTI, 1990)

AULA Nº 10

O BRASIL HOJE

Através dessa aula final será lançado um olhar sobre o Brasil, hoje 500 anos depois.

Com a leitura e discussão de textos de jornal ou revistas atuais será realizada uma análise de nosso país hoje. Os textos, que deverão ser trazidos pelos alunos, serão sobre assuntos da política e economia brasileira hoje.

A motivação e justificativa para essa aula se fará com a questão:

Como é o Brasil que comemora 500 anos?

Objetivos:

- Analisar a realidade brasileira hoje.
- Compreender a história como algo que se faz constantemente e que todos nós somos atuantes nessa evolução.
- Oportunizar o contato com documentos ou textos históricos atuais. (No geral o aluno que frequenta o CES. não tem acesso à imprensa escrita).

Estratégias:

Realizada a questão motivadora partiremos para a leitura dos textos trazidos pelos próprios alunos.

Cada aluno lê ou expõe resumidamente a notícia que trouxe.

Após a leitura e comentários que surjam durante a exposição de cada aluno, será realizada uma redação, individual, com o título:

Brasil - 500 anos depois.

BIBLIOGRAFIA

- AMADO, Janaina e GARCIA, Ledonias Francisco. Navegar é preciso - Grandes descobrimentos marítimos europeus. Ed. Atual. São Paulo. 1989.
- CÁCERES, Florival. História da América. Ed. Moderna. São Paulo. 1992.
- CORVISIER, André. História Moderna. Ed. Bertrand Brasil S.A., 1995.
- DONATO, Hernâni. O Cotidiano Brasileiro no século XVI. Ed. Melhoramentos. São Paulo. 1997.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro. 1975.
- HOLANDA, Sérgio B. História Geral da Civilização Brasileira a Época Colonial. Difusão Européia do Livro. 1973.
- MARANHÃO, Ricardo e outros. Brasil História Texto e Consultas - Colônia. São Paulo Ed. 1991.
- MOCELLIN, Renato. História do Povo Brasileiro. Brasil Colônia. Ed. do Brasil S.A. São Paulo, 1985.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. Terra à Vista. Ed. Cortez. São Paulo, 1990.
- PILETTI, Nelson. História do Brasil da Pré-história do Brasil aos dias atuais. Ed. Ática. São Paulo. 1990.
- REVISTA: Isto É - Novembro / 1997. Pág 64 a 72.
- SODRÉ, Nelson Werneck. O que se deve ler para conhecer o Brasil. Ed. Bertrand Brasil S.A. Rio de Janeiro. 1988.